

QUE ALTERNATIVAS PARA O ALENTEJO ?

VENTURA, *Maria Raquel** e SILVA CARVALHO *Maria Leonor***

* Departamento de Planeamento e Gestão de Empresas, Universidade de Évora

** Departamento de Economia, Universidade de Évora

RESUMO

Apesar de já passados quase 4 anos após a assinatura do Tratado de adesão às Comunidades Europeias (12 de Junho de 1985), a Agricultura Portuguesa, continua com a mais baixa produtividade da Europa e incapaz de responder à procura do próprio mercado.

O aumento da produtividade e consequente competitividade das explorações agrícolas passa necessariamente pela modernização da agricultura que vai ser fortemente influenciada pela aplicação progressiva da Política Agrícola Comum (PAC) em Portugal, da forma como esta evoluir e do tipo de estratégia de desenvolvimento global e agrícola a ser adoptado em Portugal nos próximos 10 anos nomeadamente na escolha de diferentes alternativas de produção.

Com esta comunicação, pretende-se contribuir de alguma forma para a análise da realidade agrícola Alentejana, de modo a que se possam propor soluções alternativas ao actual quadro agrícola, face à perspectiva de evolução dos preços comunitários na próxima década.

1. INTRODUÇÃO

Portugal entrou para a Comunidade Económica Europeia, quando esta se debatia com um dilema, de saída difícil - por um lado, a sua situação interna de excedentes, de custos orçamentais, de limitação das produções; por outro lado, o reconhecimento de que o desenvolvimento da agricultura portuguesa, simultaneamente objectivo e condição para uma integração harmoniosa, não podia deixar de ter repercussões no campo da produção interna do novo Estado membro.

O alargamento da comunidade para Sul é de muitos pontos de vista um desafio: trata-se de apostar na capacidade de adaptação da Comunidade dos Dez à nova situação criada pela integração das agriculturas ibéricas, e na aptidão dos novos Estados-membros em colmatar a distância, ainda considerável, em alguns domínios, que os separa dos restantes países da comunidade.

Com o objectivo de reduzir as diferenças, nomeadamente desequilíbrios e incapacidades várias da agricultura portuguesa comparativamente com a dos outros estados membros, foram definidas para o período de transição, duas políticas, uma de Preços e de Mercados e outra Sócio-Estrutural.

A possibilidade da Agricultura Portuguesa vir a ser competitiva, dependerá essencialmente da sua modernização que vai ser fortemente influenciada pela aplicação progressiva da Política Agrícola Comum (PAC), da forma como esta evoluir e do tipo de estratégia de desenvolvimento global e agrícola a ser adoptado em Portugal na próxima década.

2. A AGRICULTURA PORTUGUESA

Na década de 60 a taxa de crescimento médio do Produto Agrícola Bruto (P.A.B.), apresentava para Portugal o valor mais baixo comparativamente com os diferentes países mediterrânicos, considerados em estado de desenvolvimento idêntico ao nosso.

Mais elucidativa porém, parece ser uma análise comparativa das produtividades médias conseguidas pela agricultura portuguesa versus agriculturas de outros países. Assim, no que diz respeito à produção vegetal, só no caso do arroz a produtividade média por hectare é superior à média mundial e aproxima-se (cerca de 75%) da produtividade média do conjunto dos países desenvolvidos, com economia de mercado. Em relação ao trigo, ao milho e à batata, a produtividade média é inferior à média mundial (no caso do milho é cerca de metade) e apenas ligeiramente superior, para não dizer sensivelmente idêntica à média dos países em vias de desenvolvimento, com economia de mercado. Por outro lado, cevada, aveia, centeio, feijão, fava, grão-de-bico, girassol e cártamo apresentam valores inferiores à média dos países em desenvolvimento. (Quadro 1 e 2 em anexo).

No caso dos produtos pecuários a situação é um pouco diferente. Com efeito, a produção média por animal, de carne de vaca, vitela e porco é sensivelmente idêntica à média mundial, sendo a produção de leite por animal, um pouco superior.

Estamos, no entanto longe, de atingir os níveis de produtividade dos países da Europa Ocidental (ver quadro 2).

Para explicar a fraca eficácia do sector agrícola português, os baixos rendimentos de determinadas culturas e a fragilidade de determinados sectores há que invocar não só condições naturais frequentemente desfavoráveis, mas também, elementos relacionados com a estrutura das explorações e a não utilização de técnicas de produção mais modernas.

As pequenas explorações dominam o panorama agrícola de Portugal: 87% das explorações têm uma dimensão inferior a 5 ha e 94% inferior a 10 ha, sendo a dimensão média nacional de 6.6 ha.

São grandes as divergências entre o Norte e o Sul, quer quanto à di-

mensão média das explorações (2.5 ha no Norte e 40 ha no Sul), quer quanto ao sistema de exploração agrícola que está directamente relacionado com a estrutura das explorações, quer quanto ao nível de especialização produtiva. (Quadro 3, em anexo).

A maior parte dos empresários agrícolas tem uma idade superior a 55 anos e as categorias etárias mais jovens (até aos 45 anos) estão menos representadas que no resto da Europa.

Além disso, o nível de instrução dos agricultores é muito baixo (apenas 55% tem habilitações superiores à 4ª classe). (Ver figuras 4 e 5).

Razões desta ordem são justificativas do forte atraso em que se encontra a agricultura portuguesa, que enfrenta graves problemas na adopção de novas tecnologias de produção.

3. IMPACTO DA APLICAÇÃO DA PAC AO ALENTEJO

A agricultura portuguesa é pouco produtiva, pelo que a sua inserção no conjunto comunitário representou desde o início, um problema delicado. Esta situação está na base do estabelecimento em Portugal e para o período de transição de dois tipos de políticas indissociáveis. A política de apoio à modernização de estruturas agrícolas que através da concessão de subsídios ao investimento, visa a reconversão dos sistemas de produção agrícolas e a política de preços e mercado que visa essencialmente o alinhamento dos preços nacionais aos preços comunitários. Este alinhamento vai conduzir a quebras progressivas do preço à produção para produtos como os cereais, oleaginosas e carne de ovino e bovino entre outros. A política de ajustamento dos preços não afectará igualmente todas as regiões, em consequência das suas potencialidades e características dos sistemas de exploração praticados.

O Alentejo representa 1/3 da área agrícola nacional. Da área semeada no País em trigo, cevada, aveia, arroz, favas e grão-de-bico, a região alentejana representa 70%, 56%, 62%, 20%, 29% e 59%, respectivamente, enquanto que na produção animal se situa em 50% para carne de borrego e 35% da produção de carne de vaca.

A produção pecuária e os cereais constituem deste modo as actividades mais importantes na região do Alentejo, sendo igualmente produções relevantes no sector agrícola nacional, pelo que, descidas nos preços destes produtos, terão consequências vitais a nível da produção e dos rendimentos dos agricultores da região.

Esta quebra de rendimento resultante da política de preços e mercado ditará a procura de novas alternativas que sejam viáveis nos aspectos económico e tecnológico.

São apontadas, por diferentes especialistas, várias soluções a tomar, desde a adopção de rotações mais alargadas e equilibradas que permitam um suporte para maiores encabeçamentos ao incremento de culturas como oleaginosas tritical, trigos de alto valor tecnológico, grão-de-bico, e ervilha forrageira, desde que em condições favoráveis e adaptando-se prioritariamente às condições de mecanização possível e igualmente se generaliza o incremento de culturas regadas, com maior aproveitamento e/ou ampliação dos perímetros de rega alentejanos e ainda o desenvolvimento desejável da ovinicultura, caprinicultura e a reintegração do porco alentejano no montado.

Com o objectivo de identificar a combinação economicamente óptima das actividades animais e vegetais, e estimar as alterações sofridas por estas face às alterações previstas nos preços agrícolas, na próxima década, foram tomadas duas explorações representativas da região do Alentejo, uma de aptidão cerealífera (428 ha) e outra de vocação pecuária (478 ha).

Os sistemas culturais praticados na região e as propostas alternativas estudadas encontram-se no Quadro 1. No que se refere a produções animais, consideram-se a produção de bovinos, ovinos e suínos, admitindo-se que estas duas últimas podem ser orientadas para uma intensificação.

Deste modo prevê-se o sistema de 3 partos em 2 anos para ovinos e a exploração semi-intensiva de suínos alentejanos cruzados.

A técnica de análise foi a Programação Dinâmica, sendo a função objectivo o retorno do capital passados os 10 anos sobre os quais o estudo incidiu. Anualmente existe uma transferência de capital, de tal modo que o capital final no 1º ano é transferido para o ano seguinte como capital inicial.

Foram consideradas restrições relativas à terra, ao equilíbrio alimentar dos animais, disponibilidades de mão-de-obra e maquinaria em vários períodos do ano, disponibilidade de água de rega, e disponibilidade de capital. Admitiu-se ainda a possibilidade de comprar alimento concentrado e/ou conservado para os animais durante todo o ano, recorrer a mão-de-obra eventual e alugar máquinas sempre que necessário.

QUADRO 1 - SISTEMAS CULTURAIS ESTUDADOS

UNIDADES DE UTILIZAÇÃO	TIPO SOLOS EXP A	EXP B	EXPLORAÇÃO A	EXPLORAÇÃO B
I			320 ha:	180 ha:
	Pm	Pm	Alq. rev.-T-A-P	Cev.-P-Av x Vicia
	Pmg	Caa	Trigo; Aveia;	Trigo; Girasso; Cevada*
		Ca	Girasso; F. Frade;	Aveia; Aveia x Vicia;
		Pgn	Grão Bico; PSPS	Past. Natural *
II			80 ha:	38 ha:
	Pg, Arg	Sb	Olival; Vinha;	Olival; Eucaliptal;
	Pmg(p)	Pgn	Cevada; Sorgo F* AxV; * Past. Nat*	Prado anual (Tv x F) Past. Natural *
	Vgn, Pm			
III			20 ha:	120 ha:
	Ca	Vgn	Milho P* Gir. P*	PSPS (Tv sub)
	Pm	Vn; Pm	Sorgo F. P* Soja* *	Past. Nat. Melhorada*
IV			5 ha:	80 ha:
	Pm	Pm	Milho	Arroz; Milho P* Gir. P; *
		Pmg	Prado Anual (Tx F)	Sorgo P* Alugar
V		Pmg		15 ha:
		Pm		(Gir; Bet-Gir-Milh-Tom) *
VI				2.5 ha:
		Pm		Sorgo Fr; Pr. Anual (Txv F)
ATIVIDADES PECUÁRIAS			Ov. Carne (3P/2anos) *	
			Ov. Carne-Leite *	Bovinos
			Ov. Leite-Carne *	Ovinos Carne (3P/2anos)*
			Suinos Cruz. Alent.	

*Atividades alternativas propostas

A preços de 1987/88, a solução ótima para o primeiro ano e para a exploração de aptidão cerealífera, indica que toda a área de sequeiro, deve ser ocupada maioritariamente na produção de trigo e cevada de alto valor tecnológico e uma área menor nas culturas de grão de bico e feijão frade e que a terra de regadio deve ser usada prioritariamente na produção de milho e apenas 2.5 ha de prado.

Na exploração de aptidão pecuária a solução apresenta a cultura do trigo, aveia x Vicia e prado de trevo subterrâneo para sequeiro e a ocupação da área de regadio

quase exclusivamente pela cultura do arroz.

A produção pecuária entra na solução ótima do 1º ano com os seguintes valores: 51 suínos e 884 ovinos de carne (exploração de vocação cerealífera) e 173 bovinos (exploração de aptidão pecuária).

Estes resultados são concordantes com os de outros autores e são também demonstrativos dos elevados preços ainda praticados em Portugal para alguns produtos, nomeadamente os cereais.

Os planos ótimos para os 10 anos foram obtidos admitindo que o preço dos factores de produção, em termos reais, vai permanecer constante e que o preço dos produtos no mercado comum europeu é o previsto por Avillez (1985), na hipótese de os preços institucionais comunitários evoluírem a um ritmo idêntico ao da inflação a partir de 1991; da aproximação dos preços dos produtos sujeitos à transição clássica de acordo com as regras estabelecidas; da aproximação até final da segunda etapa dos preços de todos os produtos de transição por etapas com preços à partida inferiores aos da C.E.E. e também o milho, arroz e leite sujeitos a uma aproximação por "tranches", e ainda do prolongamento até 2001 do período de transição para o trigo e restantes cereais, com uma aproximação por "tranches".

Os resultados obtidos no estudo demonstram que as produções tecnicamente indicadas para a região, nomeadamente arroz/milho em regadio e a produção de bovinos/ovinos, dominam do ponto de vista económico todas as outras. No entanto e da análise das alternativas propostas, são de salientar ainda os seguintes aspectos:

Exploração de aptidão cerealífera:

-na área de sequeiro todas as alternativas propostas, à excepção da cultura do girassol, aveia e sorgo forrageiro, substituem as culturas tradicionais logo a partir do 1º ano, sendo de notar que a substituição da cevada pela consociação aveia/xvicia é gradual a partir do 7º ano.

-na área de regadio, a cultura do milho mantém-se durante os primeiros oito anos, sendo substituída integralmente pela do girassol nos anos seguintes.

-das actividades pecuárias, a alternativa escolhida recai na produção de ovinos (3 partos/2 anos) e na produção semi-intensiva de suínos. O número de ovinos apresenta um ligeiro acréscimo a partir do 7º ano, enquanto o número de suínos se mantém constante.

Exploração de aptidão pecuária:

-na área de sequeiro a alternativa da cultura da cevada de alto valor tecnológico substitui a partir do 92º ano a cultura do trigo, efectuado nos moldes tradicionais. A pastagem natural melhorada é outra actividade que se mantém durante os 10 anos.

-das actividades de regadio, o arroz é o mais rentável, seguido de perto pela rotação que inclui as culturas da beterraba e do tomate.

-a actividade pecuária bovinos de carne, tradicional na exploração, supera economicamente a alternativa proposta de ovinos de carne.

Face à evolução prevista da Política Agrícola Comum (PAC), pode concluir-se do que atrás ficou dito que se apresentam com interesse para a região as seguintes actividades alternativas: trigo e cevada desde que tecnicamente bem produzido, grão-de-bico, feijão frade e pastagem natural melhorada em sequeiro, girassol, arroz e beterraba/tomate em regadio, e ainda parece desejável um maior desenvolvimento da ovinicultura, bovinicultura e suinicultura tradicional.

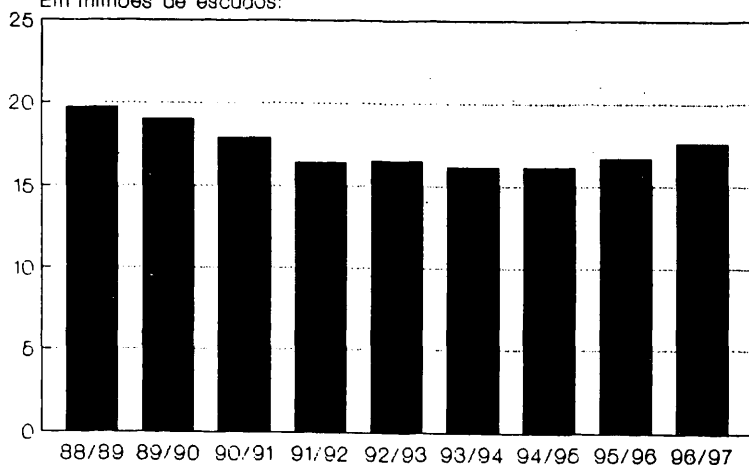
4. CONCLUSÕES

As previsões comunitárias apontam para que a Política de Preços e Mercados, tenda a ser cada vez mais restrictiva quer a nível dos preços, quer de ajudas, quer das intervenções e por sua vez, limitar cada vez mais o campo da produção.

Analisando a situação da agricultura em geral, e da cultura cerealífera, em particular, cultura esta onde existem limitações de ordem ecológica, tecnológica e estrutural, que conduzem a que os custos de produção sejam mais elevados que os da C.E.E., sendo mais baixas as produções unitárias, é do reconhecimento geral a necessidade de elegir outras alternativas.

Deste modo, é de importância vital para a região alentejana, a investigação sobre novas tecnologias de produção animal, especialmente ovinos, bovinos e caprinos, onde a sua alimentação seja feita á base de produtos da exploração. Os sistemas de produção devem integrar os cereais tradicionais e outros como o grão-de-bico, feijão frade, ervilha forrageira, triticales, cârtamo, girassol de sequeiro e de regadio e, ainda pastagens e forragens de sequeiro e regadio com cultivares autóctones melhoradas nas nossas condições edafo-climáticas. Ainda para as zonas de regadio, devem ser estudadas novas culturas como a beterraba (acucareira e forrageira) e o tabaco, em rotação ou não com a tradicional cultura do tomate e sempre em concordância com as características da região.

FIGURA 1 - EVOLUÇÃO DO RENDIMENTO (Exploração pecuária)
Em milhões de escudos:

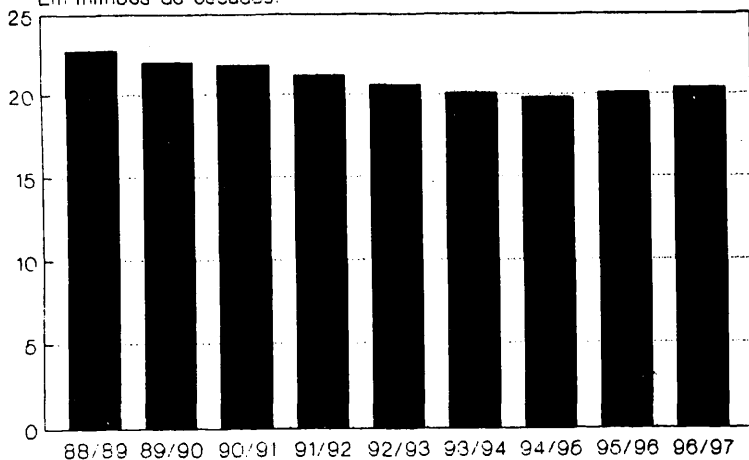


Nos próximos anos e em virtude da quebra de rendimento mais ou menos acentuada dos agricultores, resultante da aplicação da Política de preços e mercados, (Figura 1 e 2), haverá que escolher adequadamente os projectos onde se farão investimentos de molde a reconverter e modernizar as explorações agrícolas da região do Alentejo.

Todo o processo de modernização da agricultura portuguesa deverá ser acompanhado de um eficaz serviço de extensão rural e da implementação e desenvolvimento de estruturas de comercialização.

FIGURA 2 - EVOLUÇÃO DO RENDIMENTO (Exploração cerealífera)

Em milhões de escudos:



QUADRO N.º 1

Estimativas das produções/efectores para algumas culturas no período de 1970-1982

	Anos												
	Produções/efectores												
	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982 (a)
Trigo	1.11	1.56	1.24	1.17	1.16	1.30	1.29	0.87	0.79	0.88	1.22	0.83	1.22
Milho	1.39	1.34	1.33	1.37	1.35	1.21	1.09	1.23	1.22	1.23	1.30	1.08	1.10
Centeio	0.69	0.75	0.73	0.65	0.68	0.69	0.75	0.54	0.58	0.58	0.67	0.63	0.62
Aveia	0.48	0.74	0.50	0.50	0.58	0.58	0.59	0.41	0.36	0.44	0.55	0.45	0.47
Cevada	0.61	0.82	0.70	0.70	0.79	0.86	0.82	0.59	0.51	0.57	0.68	0.55	0.59
Arroz	4.70	3.80	3.80	4.30	3.80	4.40	4.40	3.00	4.10	4.20	4.50	4.40	4.30
Grasson	1.08	0.76	0.76	0.53	0.50	0.62	0.63	0.68	0.77	0.61	0.57	0.64	0.68
Canhamo	0.75	0.81	0.52	0.32	0.33	0.45	0.50	0.18	0.45	0.42	0.71	0.38	0.67
Grão-de-bico	0.42	0.40	0.38	0.38	0.32	0.38	0.36	0.32	0.37	0.36	0.38	0.27	0.23
Fenho	0.15	0.17	0.16	0.16	0.13	0.13	0.12	0.14	0.15	0.15	0.15	0.12	0.13
Fava	0.57	0.72	0.63	0.60	0.66	0.64	0.63	0.54	0.54	0.52	0.60	0.54	0.51
Batata	10.80	10.20	10.20	9.90	10.00	9.40	7.90	9.60	9.40	9.40	10.40	7.70	8.00
Tomate	36.00	30.50	44.80	46.20	44.10	45.10	37.80	33.60	30.70	28.50	27.30	21.90	23.40

(a) Dados preliminares

(b) Taxa de crescimento da produção menos taxa de crescimento da área plantada

Fonte: Portugal/ Agricutural Sector Survey, Junho de 1984.

QUADRO Nº 2. RENDIMENTOS MÉDIOS

(100 kg/ha, excepto indicação em contrário)

Produtos agrícolas	EUR 10	Espanha	Portugal	EUR 12
Cereais (total, excepto arroz)	49,0	19,8	9,7	41,8
dos quais: trigo mole	55,0	18,7	)	)
trigo duro	21,7	21,5	) 12,5	) 43,7
milho em grão	66,3	62,5	13,0	60,6
cevada	45,7	20,2	10,3	38,0
centeio	836,1	16,2	5,6	26,1
Arroz	55,0	87,6	37,9	57,7
Beterraba sacarina	489,4	364,0	415,8	480,2
Sementes de oleaginosas (total)	22,6	8,0	6,3	17,6
das quais: colza-nabo silvestre	38,2	-	-	38,2
girassol	19,0	7,0	6,4	11,2
Azeitonas para azeite	27,6	11,5	10,6	17,3
Algodão (textil)	13,6	31,1	-	16,3
Tabaco	18,0	20,0	10,0	18,7
Lúpulo	18,9	10,0	ND	18,9
Batatas	268,0	160,1	78,9	249,3
Tomates	447,6	397,7	432,8	436,0
Cebolas	255,2	119,2	ND	235,2
Maçãs	238,0	144,4	41,1	207,3
Pêras	216,7	127,4	65,5	184,6
Pêssegos	156,1	91,1	34,6	131,9
Damascos	103,3	81,8	30,0	93,0
Melões	175,3	125,7	ND	145,0
Laranjas e tangerinas	182,0	154,4	50,7	149,8
Limões	172,3	87,7	47,5	128,9
Amêndoas	9,0	3,3	3,9	4,6
Vinhas de uva de vinho (hl/ha)	67,1	23,0	36,1	48,4
Vacas leiteiras (kg/cabeça)	4.258	3.173	2.433	4.151

Não : disponível

- : inexistente

Fontes : EUR 10 :Eurostat, Instituto Nacional de Estadística -Madrid,
Instituto Nacional de Estatística - Lisboa, - Médias de
1982, 1983, 1984, excepto vinhas de uva de vinho:
médias de 1980/81 - 1981/82 - 1982/83

EUR 12 :A produtividade obtém-se dividindo as produções dos
principais produtos agrícolas pelas superfícies
correspondentes (ver quadros anteriores).

QUADRO Nº 3

ESTRUTURA DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS

Classes de Área (ha)	Número (10 ³)	%	Área (10 ³ ha)	%
< 1	348	44	211	4
1 a < 5	329	42	810	16
5 a < 20	86	11	859	17
20 a < 100	16	2	689	13
100 a < 500	4		996	19
500 a < 1000	0,5	> 1	398	8
≥ 1000	0,5		1220	23
TOTAL	784	100	5183	100

FONTE: INE

FIGURA Nº 4
Escala etária dos produtores

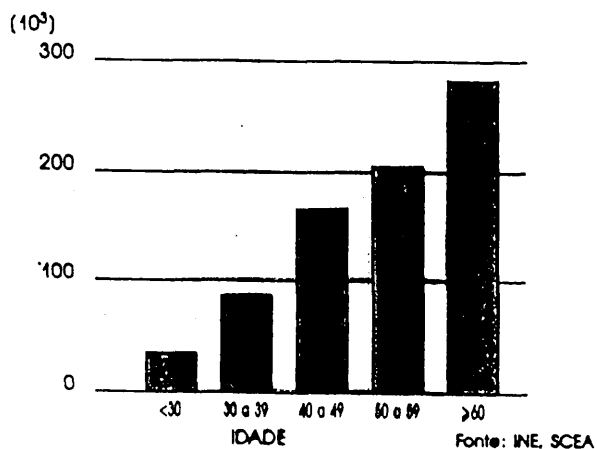
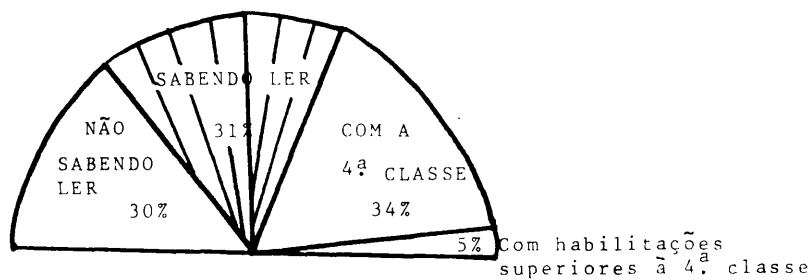


FIGURA Nº 5 - NÍVEL DE INSTRUÇÃO DOS PRODUTORES(%)



FONTE: INIA, SCEA